

A CONSTRUÇÃO DE UMA VOZ: CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO E AUTISMO A PARTIR DA CLÍNICA DO ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO¹

Lenara Spedo Spagnuolo

Agosto / 2015

Verdadeiro enigma, a criança autista. A recusa tão radical do outro semelhante nos coloca diante de questões a respeito de sua relação com a linguagem. Se é a inserção do bebê no seio da cultura e da linguagem que o torna humano, a partir da submissão de seu corpo biológico aos significantes, então como compreender um ser humano que foi (in)tocado de modo tão peculiar pela linguagem? De que maneira lhe é possível falar de si e do seu mal estar no mundo?

Em sua constituição subjetiva, a criança recebe marcações e inscrições simbólicas de seus Outros primordiais. Mas e quando essa inscrição não pode ocorrer ou ocorre de maneira incompleta? Nesses casos, estamos falando dos autismos e das psicoses na infância. Se as crianças neuróticas chegam à escola assujeitadas a uma inscrição simbolicamente eficaz, no caso das psicoses e autismos, esta primeira tarefa ainda está a ser cumprida (Jerusalinsky, 1997). Deste modo, a instalação da curiosidade ou do desejo de aprender, mesmo que incipientes, serão tarefas a serem consideradas pelos profissionais que trabalham com essas crianças.

Se a inclusão escolar não deve ser imposta a todas as crianças, mas pensada a partir do que comporta de singular o encontro daquela criança, com aquele professor, naquela família, em determinado momento de vida, etc., então nos parece justificado trazer essa discussão a partir de um caso clínico.

Há dez meses acompanho Alice², de 5 anos, em sua escola durante três manhãs por semana. Apesar de sua mãe dizer que a fala da filha “está estagnada” (sic) desde que foi diagnosticada como autista (quando tinha 2 anos), em pouco tempo de trabalho já pude notar grandes transformações em sua peculiar relação com a linguagem e, junto a isso, em sua relação com os outros.

O acompanhante terapêutico na escola deve estar atento não só às possibilidades de a criança aprender e se vincular com os conteúdos escolares, mas também de construir laços sociais e, quem sabe, de desejar. É neste sentido que concordamos com Sereno (2006), ao afirmar que do ponto de vista do acompanhamento terapêutico não há distinção entre o “analítico” e o “escolar” na medida em que ambos devem favorecer efeitos de subjetivação.

1 Texto apresentado no “Congreso Internacional de Acompañamiento Terapéutico: Clínicas em las fronteras. Caminos del AT en lo cotidiano”, ocorrido em outubro de 2015 na Universidade Nacional de Córdoba, Argentina.

2 Nome fictício

A mãe de Alice procura a acompanhante terapêutica³ com a queixa de que, apesar dos avanços com a abordagem terapêutica anterior⁴, sua filha ainda não fala. Orientadas pela psicanálise, entendemos que, embora possam ser significativos os automatismos adquiridos por Alice, há muito que ainda precisará ser trabalhado para que algo da ordem da palavra possa surgir. Nas entrevistas iniciais foi ficando claro para mim e para a mãe de Alice que a fala não era a única dificuldade da menina, que não fixava o olhar em ninguém, não brincava de maneira interativa e parecia evitar qualquer contato com os outros. Portanto, trabalharíamos a questão do vínculo na escola, apostando que ali haveria uma chance de a palavra advir.

No início do trabalho, em relação à fala, Alice apresentava apenas jargões, isto é, palavras e frases ditas com entonação mas sem nenhuma relação com o código da língua. Não parecia se dirigir aos outros quando emitia esses sons tanto em razão da ausência de olhar quanto da ausência de contexto em que eram ditos. Era comum vê-la caminhando sozinha pela escola e dizendo frases que pareciam estar em outro idioma. Com frequência, diante de determinados objetos como massinha, areia, cola e tinta, observávamos Alice colocar tudo na boca. A massinha era comida sem nenhuma relação com a cena representada na brincadeira. Estávamos diante do real do objeto no real do corpo. Perguntei-me se haveria algo ali relacionado à pulsão oral que não havia se inscrito.

Grosso modo, a pulsão é o efeito da demanda do Outro sobre um sujeito ainda não constituído como tal. O funcionamento pulsional é tributário da ação da linguagem sobre os orifícios privilegiados do bebê constituindo assim as zonas erógenas (Catão, 2009) e transformando, então, o corpo biológico em um corpo simbólico e pulsional. Laznik (1997), Catão (2009) e outros psicanalistas partem de Freud⁵ para compreender os três tempos do circuito pulsional, afirmando que o autista não conhece o terceiro tempo. Segundo Catão (2009, p. 120): O primeiro tempo é ativo, o bebê se dirige a um objeto externo no nível da pulsão oral, mamadeira ou seio. No segundo tempo, reflexivo, o bebê dirige a pulsão para uma parte do próprio corpo tomada como objeto, por exemplo, o dedo. E no terceiro tempo é que se introduz um novo sujeito, mais comumente a mãe, para quem o bebê se exhibe, por exemplo oferecendo o pezinho para ela beijar ou morder (Catão, 2009).

A partir desta compreensão do autismo, temos que o terceiro tempo, aquele do “se fazer”, não ocorre, não havendo, portanto, um impulso ativo de se fazer objeto do gozo do Outro. Deste modo, o circuito pulsional não se fecha (Laznik, 1997) e não há propriamente o sujeito da pulsão. Segundo Laznik (1997), um bebê futuro autista não renuncia a um gozo fechado, não procurando incluir a mãe

3 Além da acompanhante terapêutica, Alice é atendida por uma fonoaudióloga e uma analista.

4 Por dois anos, Alice foi treinada com TEACCH (Tratamento e Educação de Crianças Autistas e com Desvantagens na Comunicação) e ABA (Análise Aplicada do Comportamento).

5 Freud, Sigmund (1916). Instinto e suas Vicissitudes. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996

nesse circuito e tornando impossível que haja lugar para o Outro primordial. Se o Outro não tem espaço, certamente também não sobrará lugar para os outros, semelhantes. Alice, no início, andava pela escola parecendo não ver as outras crianças, chegando até a derrubar as crianças menores quando queria passar. Havia muito trabalho pela frente.

Acompanhando Alice...

Como psicanalista, me coloquei a escutar os sons emitidos por Alice. Minha pretensão era de validá-los como uma mensagem endereçada a alguém, ainda que, nesse momento, eu soubesse que ela não tinha ainda uma intenção comunicativa. Me coloquei como destinatária de uma mensagem suposta. Segundo, Lacan (apud Laznik, 1997) uma fala somente é fala à medida exata que alguém nela crê.

Um dia Alice estava repetindo uma frase cujo significado não pude compreender, mas percebi que havia um ritmo. Uma aluna me perguntou “o que é isso que ela está falando?”. Eu não sabia, mas senti que precisava atribuir um sentido. Disse que Alice estava cantando e a aluna saiu muito satisfeita com a descoberta de que isso era uma música e que Alice sabia cantar.

Em outros momentos em que ela dizia alguma palavra que eu supunha entender, eu repetia. Enquanto brincávamos de massinha, Alice disse “Aul”, repeti “Aul???” e ela me olhou com espanto por alguns segundos. Era como se quisesse me dizer: “ei, eu não disse isso para alguém ouvir”. Entretanto, minha mensagem era de que sim, ela estava sendo ouvida. E aos poucos fui dizendo que a cor “azul” não tínhamos ali, mas tínhamos o vermelho. E isso de alguma forma iniciava o diálogo possível naquele momento.

Sabemos que nos quadros autísticos, em geral, não há um chamamento do outro, não se observa o apelo ou um grito que constitua demanda. Dessa maneira, a escola é um elemento muito valioso por ser um espaço do coletivo. Então ali, há de se esperar para ser atendido, há de aguardar em fila, esperar seu suco, seu material e assim por diante. Os gritos de Alice na escola não têm resposta imediata. Se antes, sempre havia um adulto próximo a ela de modo que pudesse utilizá-lo como instrumento para conseguir o que queria (como se fossemos uma extensão de seu próprio corpo), atualmente as coisas mudaram um pouco. Deixamos um espaço vazio, temporal e espacial. Entendemos a importância de que haja esse espaço vazio para que, tanto o sujeito, quanto a palavra apareçam – ainda de maneira breve e precária. Agora, quando Alice quer algo precisa procurar o adulto com um olhar e mostrar o que quer com um gesto ou com uma palavra. Validamos seu ato nomeando seu pedido e assim, lhe atendendo. Estaria ela fazendo um apelo ao outro?

À primeira vista, o estar de Alice na escola parece ser uma busca por satisfação que ela logo se cansa e sai em busca novos brinquedos e objetos. Ela caminha de sala em sala, sobe à secretaria, desce à cozinha, vai até o parque...e assim passa a manhã toda. O trabalho do acompanhante terapêutico não é somente estar junto nas andanças do acompanhado, mas se perguntar a partir de quais referenciais esse caminho é traçado. Segundo Jerusalinsky (2001), a circulação vai sendo armada “passo a passo, a partir do despertar dos interesses que vão aparecendo no estabelecimento dos laços entre o desejo de uma criança e o social” (p. 169). Assim, acompanhando Alice fui observando suas andanças e, aos poucos, pude relatar às professoras o que tanto lhe interessava fora da classe, de modo que elas pudessem ir incorporando tais objetos à rotina da turma. Notei que ela sempre ia ao salão tocar alguns instrumentos musicais e sugeri às professoras que os utilizassem em alguma atividade. Assim foi feito: a turma de Alice ensaiou uma contação de história em que, conforme iam aparecendo alguns animais da floresta na história, os alunos iam tocando o instrumento correspondente ao animal. Foi um dia marcante, pois foi a primeira vez em que ela permaneceu na classe durante uma contação de história e, mais do que isso, permaneceu atenta, já que em determinados momentos repetiu o nome de alguns animais que ouvia.

Ao longo do trabalho, Alice foi nos trazendo palavras que havíamos dito. Essa repetição foi importante para um segundo momento de diálogo possível. À medida em que íamos oferecendo nossos significantes, ela foi podendo se dizer a seu modo. Leo Kanner (1943), autor que delimitou a síndrome chamada Autismo Infantil Precoce, afirmava que as ecolalias das crianças autistas eram uma desvantagem, pois, se não serviam para comunicar, então de nada ajudavam no tratamento. Concordamos que na ecolalia se trata de um discurso que não é cruzado por uma cadeia significante, de forma que não se fecha em uma significação (Laznik 1997). No entanto, vamos notando com Alice que foi a partir da repetição das palavras que os adultos traziam que ela pode começar a nomear os objetos que via. Ou seja, foi a partir da escuta dos significantes que lhe oferecíamos, que ela pode se apropriar de alguns deles e criar um outro modo de estar no discurso. Num primeiro momento, “o significante toma de maneira alienante aquele que talvez um dia seja um sujeito” (Laznik, 1997, p. 26). É por isso que Alice ao me ouvir perguntar “quer que eu te ajude?”, me responde “te ajude”. Ainda não lhe é possível fazer a inversão com o verbo e o pronome; de todo modo, nesses pequenos instantes somos capaz de nos comunicarmos pela via da palavra.

Considerações finais

O trabalho é longo e certamente ainda estamos longe do fim, mas é importante reconhecer que começamos uma travessia. Atualmente, Alice olha nos meus olhos quando abaixo e digo seu

nome, observa com curiosidade outras crianças, consegue sustentar um brincadeira próxima a elas (de maneira paralela e ainda não interativa) e procura controlar seu corpo quando recebe um “não” das professoras, ficando menos irritada e mais receptiva à presença dos outros. Alice está entrando no mundo do faz de conta. Recentemente, enquanto brincávamos com massinha, disse “pipa”, que pelo seu gesto supus que queria dizer “pizza”; uma nova palavra que veio não a partir da repetição imediata do outro, mas do seu mundo de representações. E assim brincamos durante muito tempo de fazer pizza, colocar tomates de massinha e comer de mentirinha.

Apostar na submissão à linguagem é oferecer à Alice um além da satisfação da necessidade. Aos poucos, ela percebe os efeitos de estarmos submetidas à lei da linguagem quando, por exemplo, me coloco a escutar os seus “nãos”. Escutarmos essa fugaz entrada na linguagem coloca Alice em um lugar diferente, como quando um garoto foi abraçá-la e ela gritou “não!”. Ele olhou para mim assustado e disse: “não sabia que ela falava não”. É justamente essa nossa aposta: de que Alice possa dizer não aos gozos invasivos dos outros e, assim, possa estar de um modo menos angustiante no mundo.

Há ali um sujeito que buscamos acessar. Não na tentativa de encará-lo como um enigma a ser decifrado, mas um enigma que possa se dizer, que possa viver a seu modo no mundo. Colocar um pouco de musicalidade e suposição na sua fala certamente não é tarefa fácil, mas o que está em jogo aqui é a invenção da gramática do impossível (Birman, 1997). Um enigma impossível rumo à palavra.

Referências Bibliográficas:

- BIRMAN, Joel. “Apresentação”. In: **Autismos** / Paulina S. Rocha (org). São Paulo: Editora Escuta, 1997.
- CATÃO, Inês. **O bebê nasce pela boca: voz, sujeito e clínica do autismo**. São Paulo: Instituto Langage, 2009.
- JERUSALINSKY, Alfredo. “A escolarização de crianças psicóticas”. **Estilos clin.** São Paulo, Pré-Escola Terapêutica Lugar de Vida, v. 2, n. 2, p.72-95, 1997.
- JERUSALINSKY, Julieta. “O acompanhamento terapêutico e a construção de um protagonismo” In: Escrito da Criança, número 6. Centro Lydia Coriat, 2001.
- KANNER, Leo. (1943) “Os distúrbios autísticos do contato afetivo”. In: **Autismos** / Paulina S. Rocha (org). São Paulo: Editora Escuta, 1997.
- LAZNIK, Marie-Christine. **Rumo à palavra: três crianças autistas em psicanálise**. Tradução: Monica Seincman. São Paulo: Editora Escuta, 1997.
- SERENO, Deborah. (2006) “Acompanhamento terapêutico e educação inclusiva”. **Psyche** (Sao Paulo), set., vol.10, n.18, p.167-179.